

TAXA PAGA



Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ JANEIRO DE 1972 ★ Nº. 1

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

havia como desobedecer-lhes. Tive que despedir-me daquela boa gente, da casa, dos cavalos de sela e de carro, do murmurante regato nos fundos do pasto, onde eu havia tomado tantos banhos refrescantes, após os árduos dias de trabalho, ou aonde eu ia, nas noites de lua cheia, fisgar traíras. O que mais me custou foi despedir-me do pequenino Adolfo que, por nada, queria deixar-me. Eu fôra o seu constante companheiro de brincueiros.

Com a trouxa em baixo do braço, os olhos marejados de lágrimas, com grande peso no coração, pús-me a caminhar, morro acima. Nada mais adiantava lamentar-me. Era seguir adiante, atrás de um futuro incerto até ver desaparecer, numa curva do caminho, o meu querido Vale da Velha, com tôdas as suas belezas, para mim tão caras.

Pela noitinha, cheguei arrazado de cansaço em Indaial, onde matei a fome na venda do senhor Hardt, e consegui lugar para dormir sôbre uma esteira, num canto da sala; mesmo assim, feliz por poder aliviar os meus membros doloridos. O dia inteiro de caminhada a pé me havia cansado mais que uma jornada inteira de trabalho na roça.

Depois de um sono reparador, de um café reforçado e de ter pago a pequena despesa, pús-me novamente a caminho, bem disposto. Quando os raios escaldantes do sol transbordaram do horizonte eu já me encontrava nas imediações do povoado de Warnow. Adiante de Warnow e pelas proximidades do "Bugerbach", onde uns dias atrás, os bugres ha-

viam atacado e matado uma família de colonos, eu apertei o passo.

Não senti nem sede nem fome, pois, laranjas e tangerinas havia a vontade ao longo do caminho. Era só colhê-las. Como rapaz de cidade, pés descalços, sobraçando uma trouxa eu não podia caminhar com ligeireza. Mesmo assim a caminhada não me parecia demorada e nem me senti aborrecido. Na sucessão das belas casas de colonos, de jardins floridos, dos pomares carregados de frutas, das varandas sombreadas, das janelas envidraçadas, com cortinas, dos pastos com vacas e cavalos bem tratados, porcos e gansos, patos e galinhas eu encontrava sempre novos motivos de susprêsa agradável. E tudo isso, na moldura admirável das montanhas circundantes espalhando-se nas águas claras do lindo Itajaí.

Pelo meio dia, cheguei ao "Bugerbach" (Ribeirão do Bugre) onde procurei a venda de Odebrecht, para quem meu pai me havia recomendado, pois a firma Odebrecht era a proprietária do conjunto de lotes coloniais do Morro do Cocho, dos quais o meu pai havia comprado o mais alto de todos, mesmo na grimpada do morro.

Vendo-me apresentado, foime oferecido, gratuitamente, um almôço bem reforçado.

Com lembranças ao meu pai e muitas recomendações para que eu me apressasse, se quizesse chegar ainda com dia, em casa, fui despedido por Odebrecht e me pús a caminho, tendo as corredeiras do Itajaí Açú à minha direita e a verdejante morraria à esquerda. Continuavam enlevando-

me e surpreendendo-me agradavelmente as casas dos colonos, com os seus arredores muitos limpos e bem cuidados.

Fui observando como os morros iam se agrupando pelas margens do rio e da estrada, apertando-se, de sorte que mal deixavam uma estreita picada, apenas acompanhando o leito do rio. A direita, chamou-me a atenção um estranho morro que, por ter o seu cume de pura pedra, sem vegetação alguma, é denominado de "Morro Pelado" e que, de longe, parece uma cabeça de gente, coberta de cabelos.

Para diante dêsse morro prossegue o Vale, mas por pouca extensão, pois após curta caminhada êle dava próximo a uma outra venda do Odebrecht, ao lado do caminho. Ali tive que me informar novamente sobre a direção que deveria seguir. Fui informado que deveria transpor o rio onde, pouco adiante, uns cem metros, terminava a estrada à beira do mato virgem.

A margem do rio havia uma balsa e canoas à disposição para se passar para o outro lado. Neste, começavam as terras do Odebrecht, as quais nas partes planas, já estavam ocupadas por colonos. Ali havia um engenho de serrar, um de fubá e uma venda. Ao fim do vale, uma picada seguia, coleante, floresta a dentro, pelo Morro do Cocho acima.

Quase no tôpo desse morro, havia três ou quatro casas de colonos. Afinal, morto de cansaço, cheguei, já com o escuro, no rancho habitado por meus pais. Satisfeito de ter chegado ao termo

de longa caminhada, saudei meu pai, minha madrastra e meus irmãos. Infelizmente, já de começo, me aborrecia pois minha madrastra foi logo reparando que eu havia chegado com dias de atraso, quando o serviço, justamente, era demais.

Na manhã seguinte, começou o trabalho duro, no mato e nas roças, no qual eu era o maior ajudante de meu pai, pois o meu protetor Germer já me havia familiarizado com todos os serviços de colono. De tanto trabalho na semana, eu mal podia esperar os domingos, quando meu pai fazia-me acompanhar às compras, em Taquaras, ou à sede da Colônia Hamônia que constava do barracão de Imigrantes e mais de umas seis ou oito casinhas e uma capela, tôdas de tábuas.

Algumas vêzes, papai foi à caça, comigo. Também nessa tarefa não me mostrei bisonho, antes bom conhecedor das selvas e dos seus perigos.

Mas as coisas aí não durariam muito tempo, pois, um dia, súbitamente, meu pai comunicou-nos a sua decisão de retornar a Blumenau.

Isso não me aborreceu de modo algum, pois o trabalho era pesado, demais para os meus treze anos. Minhas mãos viviam calejadas de tanto lidar com o machado, a foice, o facão e a enxada. Meus pés viviam marcados pelos espinhos e bichos-de-pé. E era constante a ameaça das picadas de cobras venenosas e de insetos.

No dia seguinte, quatro ca-

valos atrelados a uma carroça estavam diante do nosso rancho. Carregamos a carroça às pressas e ainda bem de madrugada estávamos de regresso a Blumenau.

Primeiramente, a perigosa descida do Morro do Cocho, até a travessia do rio em uma balsa, em Morro Pelado, seguindo daí até o Ribeirão do Bugre, onde pernотamos.

Pelo meio dia do dia seguinte chegamos a Warnow, sob um sol abrasador. Ali almoçamos e fizemos algumas horas de sesta; tanto os animais como os passageiros estávamos completamente esgotados devido ao forte calor. Paramos diante de uma venda, à sombra de grandes árvores, onde os animais foram desatrelados, dessedentados e bem alimentados. Nós, depois do almoço, descansamos sobre esteiras estendidas no chão da sala, cujas portas e janelas foram bem fechadas.

Os donos da casa, por sua vez, fecharam-se nos seus quartos, enquanto as empregadas e os caixeiros foram tirar uma soneca sob alguma sombra refrescante e acolhedora.

Rapaz, como eu era, pouco me demorei estendido sobre a esteira e, notando que tudo estava em silêncio, passei a inspecionar os arredores, os ranchos, as cocheiras e o pomar, onde não resisti a tentação de chupar algumas laranjas, chegando à margem do rio. Ali o ar era fresco e agradável e joguei-me à água, num banho delicioso. Deixei calças e camisa dependuradas à sombra de grande árvore, cujos galhos desciam até o rio, e, pulando de pe-

dra em pedra, de corredeira em corredeira, gozei por vários minutos o frescos das águas espumantes, sobre as quais bailavam nuvens de borboletas multicoloridas.

De repente, ouvi, assustado, cochichos e risadas. Não me foi difícil descobrir, pouco adiante do local em que eu deixara a minha roupa, sentados sob um arbusto, o caixeiro e a empregada doméstica, de mãos dadas, rindo-se de mim, que estava nú.

Envergonhado, corri a vestir-me e voltei para casa. Ali todos já estavam de pé. Atrelamos os animais e seguimos viagem em direção a Blumenau, passando por Indaial, Encano, Weissbach e Áltona. A noite chegávamos à cidade. Alugamos uma casinha na Vorstadt e ocupamo-la imediatamente.

Já na manhã seguinte, minha madrasta disse a papai, na mesa do café: «O Kurt bem que pode ir a cidade procurar trabalho». Mas proibiram-me, terminantemente, de voltar para a casa do Artur Germer, na Velha.

Com o coração preso de terrível angústia e de mas presságios, pusme a caminho do centro da cidade. Caminhei, triste, ao longo da margem do rio, passando pela rua das Palmeiras, pela ponte do Garcia, rua Quinze acima, sempre adiante, perguntando-me, a cada passo e com os olhos lavados de lágrimas: «Onde encontrar trabalho? onde ganhar o meu pão? onde encontrar gente boa, que não me tocasse embora?»

Não me sentia com coragem de bater a alguma porta, ou em alguma casa de negócio, para pedir emprêgo. Quem daria trabalho a um menino, assim sem mais

ou menos?

Com êsses tristes pensamentos, atravessei toda a extensão da cidade até a ponte sobre o Ribeirão da Velha. Sentei-me numa saliência do barranco e chorei amargamente, sempre atribulado com os pensamentos de como e onde encontrar uma casa que me quizesse. Mas, decidido em ir até onde pudesse, pus-me novamente a caminho e, depois de três horas de dura caminhada encontrei-me na Velha Pequena, diante da casa do meu antigo benfeitor. Fui recebido por toda a família com explosões de alegria e cordialidade. Deram-me de comer e de beber e eu contei-lhes todo o meu triste romance.

Depois de ouvir-me, Artur Germer me disse: "Aqui tu estás em casa e, se quizeres, fica aqui. O teu quarto e a tua cama estão lá em cima. Na segunda-feira nós iremos à casa de teus pais e vamos ver o que se resolve".

Meu pobre coração descansou, aliviado. Tinha eu novamente um lar, mesmo que fôsse, apenas, por dois dias.

Na segunda-feira, meu protetor e eu seguimos, de carroça, para a cidade. Eu ia preso de angústia, com medo de enfrentar minha madrastra. Mas, meu protetor me encorajava, afirmando-me que tudo iria acabar bem e que eu não deveria abaixar a cabeça.

Quando descemos da carroça, na Vorstadt, vimos já, à porta da casa, minha madrastra de cara amarrada e ouvimo-la dizer a papai: "Estás vendo? Apesar da proibição êle foi bater à casa do Ger-

mer".

- Sim, senhora, retrucou, enèrgicamente o meu protetor. Já que vocês não se envergonham de mandar o menino, sózinho, procurar serviço, onde é que vocês queriam que êle fôsse ter senão à casa onde êle encontrou o lar que aqui lhe é negado? Tragam-me para cá as roupas dêle que êle vai ficar comigo!

Minha madrastra retrucou: Já que o rapaz tinha sido proibido de ir para a tua casa, nós não lhe daremos roupa nenhuma.

Germer revidou: "Então vocês querem que êle fique aqui e não me acompanhe?"

- Para nós é a mesma coisa, disse a madrastra, mas roupa é que êle não leva.

Então Germer perguntou-me se eu queria ficar com os meus ou preferia acompanhá-lo. Naturalmente, eu respondi que queria ir com êle.

Então Germer, sem mais palavras, tomou-me pela mão, levou-me até a carroça e seguimos para a sua casa na Velha Pequena.

Nunca mais vi nem meu pai nem minha madrastra. Mas eu me sentia feliz porque era tratado como um outro filho da família.

Uma semana mais tarde, o meu "paio", como eu carinhosamente costumava chamar o meu protetor, voltando de uma ida à cidade, veio com a notícia de que a minha família havia regressado para a Alemanha.

Apesar de tudo, senti gran-

de tristeza e as lágrimas correram-me abundantemente.

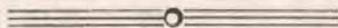
Mas consolei-me logo. A família Germer tornou-se o meu lar e a encantadora e pitoresca Velha Pequena, a minha nova Pátria.

Passados, entretanto, algumas semanas entre os trabalhos da casa, da roça, das estrebarias e, nos sábados a tarde, e nos domingos, na venda com algumas interrupções agradáveis no jogo de cartas e nos bebericos entre amigos, comecei a sentir saudades dos meus parentes e da grande cidade alemã onde eu passara a minha infância.

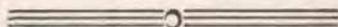
E não houve meio de dominar-me e eu chorava às escondidas. Meu «paio» adivinhou o que se passava comigo e, não só não se zangou, como até ajudou-me a que eu fôsse ao encontro do meu destino.

Assim foi que, depois de ter «Mamã» pôsto em ordem a minha roupa e de terem sido feitos os preparativos necessários, embarquei de volta à Alemanha.

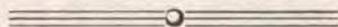
Terminou aí, quando eu estava com apenas 13 anos, a primeira parte das minhas aventuras em Santa Catarina.



Em 1750, a Ouvidoria de Santa Catarina compreendia todos os territórios ao sul da linha dos rios São Francisco, Negro e Iguaçu, até a Lagoa Mirim, limitadas a Oeste pelos rios Peperi Guaçu e Santo Antônio, êste afluente do Iguaçu e o segundo do Uruguai.



Apovação de Lages, fundada por Corrêa Pinto, foi elevada à categoria de Vila em 22 de maio de 1771, sendo aprovada pelo governador de São Paulo a sua primeira eleição para vereadores, a 7 de agôsto do mesmo ano.



Quando foi fundada a povoação de Lages, só havia uma estrada, a dos Conventos (Araranguá) que comunicava essa povoação com o litoral. Mais tarde, Corrêa Pinto, abriu outra estrada pela Laguna e Tubarão. Entre a capital, Destêrro, e Lages não havia estrada alguma. Só em 1786 é que o governador de Santa Catarina, José Pereira Pinto, encarregou o alferes Antônio José da Costa de abrir um caminho de ligação entre as duas povoações.

Uma Previsão Sem Sucesso

J. Ferreira da SILVA

O dia 25 de julho de 1858 foi o do aniversário do Dr. Roberto Avé-Lallemant, médico e viajante alemão que, dias antes, havia chegado à Colônia Blumenau e que, depois, publicaria um livro sobre como era, naquele tempo, o povoado de que se originou a nossa cidade, opinando a respeito do seu futuro.

Era um domingo. Foi realizado o Culto Divino, como nos demais domingos, no compartimento para êsse fim reservado no Barracão de Imigrantes e onde também funcionava a escola pública da Colônia.

A noite, os amigos que o Dr. Avé-Lallemant já conquistara, festejaram, condignamente, o seu natalício. Reuniram-se na casa de Reinaldo Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau, cuja espôsa, filha única de um pastor alemão, muito gentil e dedicada, cercou a todos da mais cordial amabilidade.

Um salão próximo à residência, foi revestido de palmas e flôres e, aí, os alegres convivas e o aniversariante divertiram-se, dançando e cantando e bebericando até quase clarear o dia seguinte.

E, pouco depois, o Dr. Avé-Lallemant e o Dr. Burckardt (depois, professor de inglês no Liceu Provincial) estavam na canoa que os transportaria de regresso a Itajaí. Os seus amigos de Blumenau reuniram-se no pôrto e, quando a canoa largou, rio abaixo, dispararam as suas armas em saudação e despedida.

Ao contar êsses fatos em seu livro, o médico alemão tece interessantes comentários sobre o que viu na Colônia e manifesta uma opinião bem pouco favorável a Blumenau. Isso porque entendia, e não sem razão, que o Dr. Blumenau, com os poucos meios de que dispunha, não poderia levar adiante o seu empreendimento sem um substancial e regular auxílio do Govêrno Imperial.

E êle exclamava: "Que pode vir a ser o Vale do Itajaí! Que prosperidade poderá desenvolver-se nas suas margens! Como o belo, largo e geralmente profundo rio faz, valentemente, o seu curso através das espêssas matas! Como é preciosa a terra de suas margens, como é abençoado o trabalho alemão no campo! E como é que, depois de ter o Dr. Blumenau estimulado, vivamente, dentro de certos limites, a cultura das magníficas margens do rio e iniciado e levado a certo desenvolvimento uma cultura efetiva, súbitamente começa certa estagnação, uma vacilação e o estiolamento da nova emprêsa? E como acontece que, depois de dar-se tôda a atenção ao plano de colonização de Blumenau, com auxi-

lio espontâneo e recursos em dinheiro, sem juro algum, agora se queira ver, primeiramente, se o empreiteiro pode cumprir suas obrigações contratuais para com o govêrno e - o que é muito mais importante - para com todos aqueles que, plenamente confiantes, vieram por mar, sós ou com mulher e filhos e os últimos restos dos seus haveres? Creio não fazer juízo temerário afirmando que o govêrno terá muito menos, quase nada que fazer, se satisfazer as obrigações para consigo próprio, se o imigrante fôr colocado satisfatòriamente para o pleno desenvolvimento de tôdas as suas fôrças e atividades a fim de conseguir uma colonização estável. Só tem o govêrno um interêsse; o florescimento da imigração e a prosperidade da jovem Colônia. E, para isso, deveria arrostar todos os sacrificios possíveis."

E, por aí adiante, o médico alemão perde-se em considerações a respeito das dificuldades que o colonizador depara para assegurar o sucesso do seu empreendimento e das desconfianças com que o govêrno acompanha as atividades dêsse colonizador. Um não pode ir adiante porque lhe faltam os meios e o outro não fornece êsses meios porque teme que o insucesso da emprêsa ponha a perder o dinheiro que fôr empregado.

E, por fim, êle adianta êste prognóstico nada alentador a respeito da Colônia Blumenau: "Mas, se coloco ante minha consciência a grave pergunta de saber se a Colônia de Blumenau, sob a direção do Dr. Blumenau, poderá desenvolver-se de maneira justa e conveniente e sem dissimular que, segundo a minha resposta, um ou outro possa imigrar no Itajai, não posso responder à pergunta, que eu próprio fiz. com um SIM, não posso afirmar que a Colônia, tal qual se acha, possa ir adiante. Foi essa plena, clara e viva convicção que, ao partir da Colônia, me encheu de melancolia.

Todos os homens honrados e dignos, com os quais entrei em contato, e que tão bondosamente me abriram suas casas, estão em boas relações com o Dr. Blumenau e agradecem-lhe a fundação do triste asilo que instalaram no Itajai. Seria dura intervenção nas amáveis condições de vida da povoação Blumenau, se o lugar do Dr. Blumenau fôsse ocupado por outro".

Mas, a par dêsse preságio pouco favorável, o Dr. Avé-Lallemant achava que, se o govêrno resolvesse vir em socorro do colonizador, pondo-lhe à disposição meios pecuniários mais fartos, então "a Colônia Blumenau chegará a uma prosperidade, a um desenvolvimento de energias que, difficilmente poderá ser atingido por qualquer outra Colônia.

Homens e dinheiro postos em movimento por uma personalidade capaz, podem operar e operarão ali maravilhas, e provocarão vivíssimo impulso nas fôrças produtoras. Por isso se deve agir com todo o zêlo e com todo o esfôrço, com tôda perseverança".

Felizmente, os maus presentimentos do Dr. Lallemant não se

realizaram. O Governo Imperial veio em auxílio do Dr. Blumenau e encampou a sua Colônia. Forneceu-lhe meios para levar adiante a empresa em que se empenhara de corpo e alma.

E o Dr. Blumenau, por vontade expressa do imperador D. Pedro II foi mantido à frente do empreendimento que fundara, como seu diretor. E, graças a essa providência, graças a uma atividade tão persistente e a uma honestidade tão responsável, como as que caracterizavam o Dr. Blumenau, a sua Colônia entrou a progredir extraordinariamente.

Poucos anos depois da visita do Dr. Lallemant a pequena aldeia da foz do Garcia e a Colônia que avançava, lentamente, pelo Itajaí acima, tomou tal impulso que se tornou o maior empório agrícola da Província.

E tudo isso pelo esforço de um homem que para aqui veio trabalhar pelo progresso da nossa Terra e a felicidade de nossa gente.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

CXVII

“BOLETIM INFORMATIVO DO AUTOMÓVEL CLUB DE BLUMENAU”

O primeiro número apareceu em março de 1968, com 4 páginas, em formato 16 x 23cm. A primeira página, em forma de capa, traz, no alto, o emblema do Automóvel Club de Blumenau sobre os dizeres: “Automóvel Club de Blumenau”. Em seguida, no meio da página, em letras maiores “Boletim Informativo” e, abaixo deste: “Número 1”. Março de 1968. Não traz indicação dos responsáveis, nem periodicidade, nem qualquer outro esclarecimento relativo à impressora. No número 3, entretanto, de julho de 1968, de 8 páginas, traz no final da última, a indicação da impressora “Impr. H. Wandrey”, indicação que se repete no nº 4, de setembro, também com oito páginas. Destina-se a dar informações e esclarecimentos aos sócios do Automóvel Club de Blumenau. Há alguns exemplares no Arquivo Histórico.

CXVIII

“BOLETIM INFORMATIVO DO CLUBE DO CINEMA”

23 de maio de 1968 o Clube de Cinema de Blumenau iniciou a publicação de um Boletim Informativo, para ser distribuído entre os seus associados e pessoas interessadas. Compunha-se, geralmente, de

uma única folha de papel almaço, mimeografada. Informações sôbre filmes, seus intérpretes e diretores, biografias destes etc. constituíam a principal matéria da publicação. Não teve duração muito longa, assim como também o Clube de que era órgão. Era publicado semanalmente, com interrupções. Foi até o nº. 21, de 30 de agosto de 1969.

CXIX

“O BARÃOZINHO”

A Escola Barão do Rio Branco tomou uma útil e interessante providência, no propósito de interessar os seus pequenos alunos nos meios modernos de comunicação. Criou um jornalzinho, “O Barãozinho,” no qual colaboram os melhores discipulos com trabalhos do próprio punho, tanto literários como artísticos. Temos diante o número relativo aos meses de maio-junho de 1968. Uma reunião curiosa de interessantes tarefas, mais ou menos ingênuas, como não podia deixar de ser, tratando-se de crianças de curso primário. Desenhos curiosos, alguns reveladores de acentuada tendência dos seus pequenos autores para as artes plásticas. Seria interessante que os dirigentes do conceitudo estabelecimento, mantido pela Comunidade Evangélica, enviassem ao Arquivo Histórico Municipal, pelo menos um exemplar desse jornalzinho por ano. Constituiriam, futuramente, não só uma curiosidade digna de nota como, igualmente, um instrumento capaz de possibilitar a análise de eficiência dos métodos de ensino, em prática nas escolas primárias dos nossos dias. “O Barãozinho” passa de mão em mão entre os alunos e seus pais, não tendo distribuição externa. Uma idéia, realmente, digna de registro e de louvores nesta resenha dos órgãos de comunicação já aparecidos em Blumenau.

CXX

“CADERNOS DE DIREITO”

Em bonita apresentação, embora em pequeno formato (13,5 x 21,5cm), capa colorida, impresso na Tipografia e Livraria Blumenauense, veio á público, em julho de 1968, o nº 1 dos «Cadernos de Direito» da Faculdade de Ciências Jurídicas, da Fundação Universitária de Blumenau. Doze páginas. Assinado pela direção, o artigo de apresentação diz, entre mais, o seguinte: «A Faculdade de Ciências Jurídicas de Blumenau inicia, com o presente, a publicação dos «Cadernos de Direito», através dos quais pretende levar á Comunidade do Vale do Itajaí a notícia dos seus propósitos, dos seus trabalhos, das suas realizações e, também, as suas contribuições á coletividade. Êste primeiro número é dedicado aos nossos desbravadores do Brasil: os jovens universitários brasileiros que, integrados no Projeto Rondon, estão procurando conhecer melhor o seu país e os seus problemas fundamentais, capacitando-se, assim, para melhor compreende-los. . . A experiência que realizamos é uma tentativa de dar novo sentido ao Curso de Direito, adaptando-o ás exigências do processo de desenvolvimento brasileiro e ás perspectivas do mercado de trabalho para o profissional das ciências jurídicas».

Essa edição, a primeira de «Cadernos de Direito», foi dedicado e exposição da reformulação do Curso Jurídico, com um ligeiro histórico da fundação e da estruturação da Fundação Universitária de Blumenau. É plano da Faculdade, tão logo sejam removidos alguns entraves, reiniciar tão útil e proveitosa publicação.

CXXI

«SANTA CATARINA EM REVISTA» OU «SANTA CATARINA EM PÁGINAS»

O primeiro número dessa revista apareceu em julho de 1968, com 32 páginas, boa colaboração e farta ilustração. Formato 18 x 27 cm. Capa de Jamaia. Propriedade da Editora Jornalística Santa Catarina Ltda. Blumenau. Redação e administração: Rua 7 de Setembro, 473. Distribuição gratuita a autoridades, repartições públicas, organizações comerciais e industriais, agremiações sociais, pessoas de destaque, etc. Diretores: Flávio de Almeida Coelho e José Augusto Nóbrega. Redação: Paulo Marins. Diagramação: Jorge Edil Boamorte. Fotografias: Clóvis Leopoldino de Souza. Colaboradores: diversos.

Impressa na Gráfica Vicentina, de Curitiba. Com o segundo número, aparecido em outubro de 1968, alterou o nome para «Santa Catarina Em Páginas», mudando sua redação e administração para rua Floriano Peixoto, 55, 5º. Com o 3º número, publicado em dezembro desse mesmo ano de 1968, terminou a sua publicação. Revista bem feita e bem redigida. Pena foi que tivesse tão cedo terminado as suas atividades.

CXXII

«O FULKA»

Em fins de 1968, um grupo de jovens entusiastas do estudo das ciências naturais, composto de Lauro Bacca, Asteróide Zwicker, Dittmar Budag, Ivo Scharf, João Pradi e João Carlos Corrêa, fundou o «Clube de Ciências Frei Fulgêncio», com sede no Museu «Fritz Müller». Na mesma ocasião foi resolvida a criação de um boletim, por intermédio do qual pudessem os mesmos jovens comunicar as suas idéias e as suas observações. Redigido por Ivo Scharf, começou a ser editado o mensário, «Fulka», mimeografado, com 5 páginas em papel almaço. O título foi arranjado das iniciais do nome e sobrenome do patrono do Clube, Frei Fulgêncio Kaupp. Este sacerdote franciscano, foi professor, por muitos anos, de ciências naturais, física e química do Colégio «Santo Antônio» e, pelo seu saber, pela sua experiência e pela sua cordialidade, conquistou a estima e a simpatia de seus alunos e de quantos tiveram a oportunidade de com êle conviver.

Lauro Bacca, 16 anos, foi o idealizador do Club e do periódico. Premiado pelo Centro de Estudos Brasileiros para o Progresso da Ciência, como o cientista jovem do ano, Bacca apresentou àquele Centro, em

congresso realizado nesta cidade, trabalhos inéditos, fruto das suas pacientes observações sobre as cobras d'água, que mereceram muitos elogios dos cientistas presentes ao conclave.

Infelizmente, êsse jornalzinho não durou mais de 6 meses. Com o número 6, de junho de 1969, deixou de ser editado. Trazia sempre interessante colaboração de seus jovens editôres, registrando as suas opiniões, as suas observações e descobertas no reduzido círculo das suas possibilidades. Não deixou de prestar bons serviços ao desenvolvimento da cultura, servindo de estímulo a muitos moços dedicados ao estudo das ciências físicas e naturais.

CXXIII

«O ATUANTE»

A 7 de novembro de 1968, sob a direção geral do Universitário Wanderley Mazurek dos Santos, surgiu «O Atuante», órgão do Partido Universitário Atuante. Traz como lema, sobre o título, os conceitos de Rivarol: «As idéias devem ser combatidas com as suas próprias armas. Não se dá tiro de fuzil em idéias.» Além do diretor geral, figuram no «expediente»: «Nilton Machado, como diretor superintendente, Gilberto Rufino, como diretor de Redação e Hélio Egon Siebert como diretor de publicidade. Impresso nas oficinas do "Lume". Doze páginas. Formato 28,5 x 38,5cm. Apesar das grandes esperanças e dos melhores propósitos dos Jovens universitários, o jornal não passou dêsse primeiro número.

CXXIV

«REVISTA CINE-VISÃO»

Numa tentativa de reviver a «Revista do Cine Blumenau», de que já tratamos em páginas atrás, apareceu, em dezembro de 1968, uma publicação em forma de revista, com 18 páginas, nas medidas de 15 x 19 cm. para distribuição interna e gratuita nos Cines Busch e Blumenau. Deveria aparecer quinzenalmente. O Editorial diz o seguinte: «Um grupo novo se organiza, pois mais uma missão deve ser cumprida. A TV canal 3, de Blumenau, irá ao ar nos próximos dias. Nossa cidade inicia outro período; no reino das comunicações, nossa vida comunitária passa a ter alicerces próprios. «Cinevisão» trará ao leitor, além de notícias sobre cinema, a programação de TV: Impressa na Tipografia Centenário. Não constam nomes de responsáveis, nem redatores. Essa nova tentativa, entretanto, não vingou, pois a nova revista chegou, apenas, ao segundo número editado em janeiro do ano seguinte. Com êste cessou a publicação.

CXXV

«O UNIVERSITÁRIO»

Ê um boletim mimeografado, editado pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Economia da Universidade Regional de Blumenau e destinado a manter os seus acadêmicos a par das decisões do Diretório, da Reitoria e dos assuntos ligados á vida universitária em geral. Não tem praso certo de publicação, aparecendo sempre que as circunstâncias o aconselhem. O primeiro número não traz data de publicação.

Um Quase Esquecido Recanto da Velha Blumenau

Uma distinta senhora blumenauense, que deseja manter-se incógnita, escreveu a presente e bela página do passado de nossa cidade, diante de um quadro do pintor H. Graf.

Esse quadro foi-nos presenteado pela ex-ma. Senhora Paula Meyerle Böttger, de Brusque e representa um velho recanto de Blumenau, com a sua casinha em ruínas, em magistral aquarela daquele artista, autor, também, de muitas obras e telas muito lindas com vistas de Blumenau dos primeiros decênios d'êste século.

Ao mesmo tempo que damos, prazerosamente, destacada acolhida ao trabalho da ilustre dama conterrânea, deixamos, aqui o nosso profundo reconhecimento a Senhora Böttger pelo magnífico presente com que enriqueceu o patrimônio histórico e artístico de Blumenau. O quadro, juntamente com outros de H. Graf, que possuímos, figurará, por enquanto, em lugar de destaque da nossa Biblioteca Municipal, até que tenhamos concretizado os nossos planos, com referência à criação de uma pinacoteca, guarda, para a posteridade, dos muitos trabalhos de artistas nossos e estrangeiros, que transferiram para telas, os maravilhosos recantos e paisagens da nossa incomparável natureza...

O quadro do pintor Graf, que, infelizmente, não podemos reproduzir nestas páginas pela deficiência do material de que dispomos e dos poucos recursos para imprimi-lo em outro estabelecimento gráfico, ficará, já agora, em nosso acervo, atestando não apenas os reconhecidos méritos artísticos do seu autor, como a generosidade e o alto espírito comunitário da veneranda doadora, e, sobretudo, lembrará às gerações atuais e futuras, mais um dos muito romances vividos pelos pioneiros blumenauenses, que, pelo seu trabalho, pelos seus sofrimentos, pelo seu suor e as suas lágrimas, fizeram a grandeza de nossa comuna e o bem-estar e a felicidade de sua gente.

Diante d'êste quadro do pintor Graf, voltaram-me à lembrança muitas recordações da minha infância.

Sim, realmente, era bem assim a velha casinha, num cantinho coberto de vegetação, que não raro servia de coradouro e o belo arco sôbre o portão do jardim. Ficava lá, na Vorstadt, junto ao então Hospi-

tal Municipal. Circundavam a casa velhas árvores e palmeiras, sôbre as quais um manso esquilo de cauda emplumada, praticava diabruras.

Nas barrancas do rio cresciam gigantescas palmas-de-leque.

Vivia nessa moradia uma velha, já corcunda, cuja existência dava muito que falar. Não era, pois, de admirar que, entre nós, crianças, corressem de bôca em bôca muitas histórias assustadoras sôbre aquêle romântico recanto e a sua misteriosa habitante.

A pobre e solitária velhinha seria uma autêntica bruxa, vinda do reino fantástico das fadas.



Como amante e como mãe, Ana Frank foi uma verdadeira martir. A morte inesperada do fruto querido do seu primeiro e grande amor, arrastou-a ao desespero.

- «Pois imaginem: ela já tem, até, em casa, o caixão em que será enterrada e dentro do qual passa, pelo menos uma noite, cada peça de roupa que ela costura para fora... Ela mata, para comer, todos os gatos da vizinhança... Tem poderes mágicos... Cuidado com ela!»

Êsses e outros misteriosos cochichos iam de ouvido em ouvido.

Entretanto, que havia de verdade por detrás dessa enigmática velhinha? Um triste e doloroso destino de mulher.

Ana Frank - êsse o nome porque a conhecíamos -viera muito moçinha ainda, da Alemanha para Blumenau, com seus pais e uma irmã.

Ela era uma habilíssima mestra em costura, bordados e outros trabalhos manuais. Era, também, exímia pianista. Certamente, na Europa, sua família conhecera dias bem melhores.

Murmurava-se, também, que o seu verdadeiro sobrenome teria sido «von Frankenstein» e que, aqui, os pais o teriam mudado simplesmente para Frank.

Ana Frank dominava corretamente o português e tornara-se noiva de um certo Tenente Rodolfo Bogado. Êste foi removido para o Rio de Janeiro, onde, numa briga de rua, perdeu a vida.

O Tenente, ao seguir para o Rio, sabia que a sua noiva esperava um bebê, e fê-la jurar que a criança seria educada na religião ca-

tólica, pois, ela mesma era protestante evangélica. E deveria, também, usar o seu nome.

E assim aconteceu. O menino, como seu pai, chamou-se Rodolfo Bogado. Foi matriculado no Colégio dos padres e mostrara-se sempre muito inteligente e aplicado.

A mãe sustentava-se do seu mister de costureira e bordadeira, propiciando ao filho uma boa educação, transmitindo-lhe, inclusive, os seus conhecimentos de piano, em que êle se tornou exímio.

Quando o rapaz terminou o curso aqui, os padres propuseram à mãe mandá-lo ao Rio de Janeiro para lá completar os estudos. Como ela não tivesse os meios pecuniários suficientes, os padres a ajudaram com parte dêles.

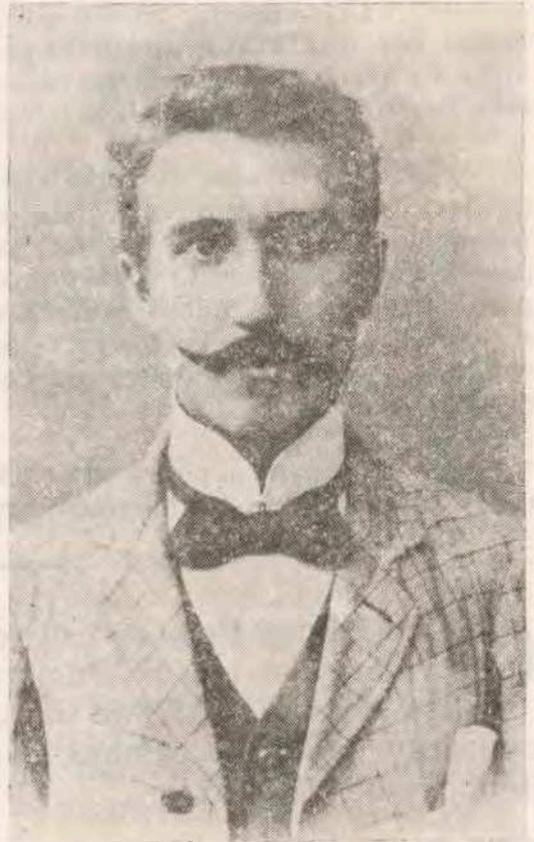
Com 21 anos de idade, o moço retornou a Blumenau. E, em dada ocasião, juntamente com outros companheiros, meteu-se num desafio de corrida de bicicletas. Cançado, entrou em uma venda e pediu uma gasosa. Naquele tempo, não se usava gelo, mas uma adega onde as bebidas eram bem refrescadas. Apesar de muito suado, o rapaz bebeu avidamente, a «Malte-Limonada».

Êle ainda conseguiu chegar até a casa, mas, diante do portão, caiu desmaiado. Ninguém havia desconfiado, até então, que o pobre moço trazia, em si, o germe da tuberculose. O esforço dispendido e a bebida muito fria deram caráter galopante à moléstia e, mal passados três meses, Rodolfo morria, apesar de todos os meios e esforços da ciência médica.

Dois dias antes de sua morte, êle contára à sua mãe o estranho sonho que tivera: «Havia muita gente ao meu redor. . . todos trazendo flôres para o meu entêrro. . . e quando o meu caixão baixou à cova, o côro dos padres entoou uma maravilhosa e triste canção». . .

Assim falava o moço à sua mãe, na firme convicção de que haveria de ficar bom.

E, quando, dois dias depois, o caixão com o corpo do rapaz



Rodolfo Bogado, jovem. Inteligente, amado ternamente pela mãe e pela noiva, tinha um futuro brilhante à sua frente, quando a morte traçoeira o arrancou ao convívio e ao carinho dos que tanto o adoravam.

descia à sua última morada, e o côro entoou o canto de despedida, a pobre mãe desmaiou à borda da sepultura.

Durante uma semana inteira, ela passou inconsciente. E quando, afinal, conseguiu superar a terrível crise, Ana Frank era outra mulher.

Introvertida, fechada, nada mais queria saber, ou ouvir, da vida.

Diariamente, fizesse sol ou chuva, fôsse inverno ou verão podia-se ver Ana Frank dirigir-se ao cemitério que, naquele tempo, ficava atrás da igreja católica. Passava, encurvada, levando às mãos duas ou três florzinhas que depositava sôbre o túmulo do pobre filho.

Não tivesse ela tido vizinhos compassivos que, diariamente, lhe levavam comida quente para o almôço e nem os padres que continuamente a supriam de pão da padaria do Colégio, certamente teria perecido de inanição. O fogo nunca mais foi aceso no seu fogão, entupido de gravetos e folhas secas. Também, pelo pátio afora, amontavam-se as folhas e ramos caídos da vegetação circundante. A pobre velha escondia o seu pouco dinheiro, ou costurava-o nas profundezas dos bolsos de seus vestidos.

E assim a pobre criatura continuou sempre esquisita e morreu solitária, quase abandonada, em 1923.

O dr. Laines Peixoto esteve na Vila de Laguna, como Ouvidor, que era da Ouvidoria de Paranaguá, em 1726. Nessa ocasião, a 27 de março, elevou à categoria de Vila a povoação da Ilha de Santa Catarina, sob a invocação de Nossa Senhora do Destêrro.

— NOSSA CAPA —

Escolhemos para figurar nas capas das edições de «Blumenau em Cadernos», em 1972, a reprodução de uma das gravuras do livro de J. J. von Tschudi, impresso em Leipzig, na firma Brockhaus, em 1867. Representa uma paisagem caraterística do Vale do Itajaí, com a casinha de colono e um magestoso coqueiro Indaiá. Tschudi esteve vários dias em visita à Colônia fundada pelo Dr. Blumenau, registrando em seu livro, hoje raro na edição original, interessantes observações sôbre a vida blumenauense nos idos de 1861. A gravura é uma das muitas e interessantes paisagens que figuram no trabalho do ilustre viajante suíço.

A REVOLUÇÃO DE 93 EM ITAJAI

Graças à bondosa cooperação do nosso amigo Arnou Teixeira de Melo, digno serventuário de justiça e escrivão do Crime de Itajai, podemos dar conhecimento aos nossos leitores de um interessante documento, relacionado com a revolução de 1893, na vizinha cidade. Trata-se de cópia de um officio dirigido ao Governador do Estado, pela Intendência Municipal de Itajaí assinado pelo Intendente Dr. Pedro Ferreira e Silva, e outros em julho de 1894. Contanto com a boa vontade do sr. Arnou Teixeira de Melo esperamos poder trazer, para as páginas desta publicação, outros interessantes documentos de grande interêsse para o conhecimento dos fastos itajaienses. Eis o officio:

«Cidadão Coronel Governador. Em cumprimento ao que recomendaís em vossa circular de 18 de julho, a respeito de dinheiro que algumas ex-Câmaras Municipais dispenderam de respectivos cofres, com serviços da revolução, examinando a escrituração desta Intendência, encontramos que, por ordem do ex-Vice Presidente Padre João Rodrigues de Almeida, foram despedidos com êsses serviços dois contos oitocentos e dezenove mil, duzentos e quarenta réis (2:819\$240) dos cofres da ex-Câmara Municipal de Itajaí, não só conforme declara o mesmo ex-vice presidente, em officio que dirigiu ao ex-1º Tenente João Carlos Mourão dos Santos, em 28 de fevereiro, último, e

que se acha registrado à fls. 24 do livro respectivo, como também conforme consta de um documento de despesa aqui arquivado, feito e assinado pelo ex-secretário Ernesto Augusto Bustamente, datado de 31 de janeiro do corrente ano, sob número um, diversos títulos e parcelas, cuja soma é exatamente da importância de 2: 819\$240; mas no livro da Receita e Despesa encontramos lançados novecentos e oitenta e oito mil (ilegível) parcela que se acha no aludido (segue parte dilacerada). Infelizmente, porém, esta importância representa bem pequena parte dos prejuizos do Município de Itajaí, resultantes da revolta. São grandes os prejuizos diretos e indiretos. O Itajaí é um

dos municípios que mais tem sofrido por causa da revolta. O Governo Municipal de Itajaí e os munícipes muito têm que fazer para conseguir que o município atinja as condições em que se achava antes da revolta. Diversos vapores, que estiveram em poder dos revoltosos, frequentaram este pôrto desde fins de setembro a meados de janeiro, obrigando a fornecimentos, às vèzes bem consideráveis, principalmente dos negociantes, e não pagando-lhes; numerosas forças revoltosas aqui estiveram, extorquindo da população grande parte do que precisaram, demorando-se as do Coronel Salgado mais de vinte dias; houve combate nos dias 8, 9 e 10 de dezembro; diversos tiroteios em outros dias e disparos de artilharia para a cidade, durante dias a cidade esteve quase abandonada; diversos moradores aqui foram presos e muitos estiveram foragidos no interior deste município e de outros municípios; a 14 de dezembro, pelas duas horas da tarde, em frente à esquina da rua do Comércio, foi degolado pelos revoltosos o negociante, que aqui residia, Procópio José de Bayer, deixando viúva e oito filhos menores e ficando o cadáver insepulto cêrca de três dias; a 10 do mesmo mês foi, à tarde, assassinado pelos revoltosos o negociante Rodolfo Herbst que aqui também residia, deixando igualmente viúva e filhos menores; houve saques, roubos, abusos de tôda sorte; em suma êstes e outros atentados à propriedade, à vida, à liberdade, à honra, inevitavelmente, deixaram o município em condições tão excepcionais e desvantajosas de modo que muito necessita que o auxiliéis.

Um dos fatos que se deram no periodo da revolta e que

muito tem prejudicado o município foi o incêndio da ponte sôbre o Rio Conceição, na estrada de rodagem entre esta cidade e a Vila Brusque. Trata-se de uma importante ponte construída há anos pelo governo geral, custando cêrca de vinte contos de réis. Nestas condições, sendo esta estrada a mais importante via de comunicação para grande parte deste Município e para o de Brusque, sendo imprescindível essa ponte e não tendo este governo municipal recursos para construí-la, pedimos que vos dignéis providenciar para que se realize semelhante obra, instantemente reclamada pela população. Saúde e Fraternidade. Ao cidadão Coronel Antônio Moreira Cesar, dignissimo governador do Estado de Santa Catarina. (Assinados:) Dr. Pedro Ferreira e Silva, presidente; Samuel Heusi vice presidente, Lourenço de Souza Rochadel, Antônio dos Santos Cardoso, Álvaro Rodrigues da Costa, Olimpio Aniceto da Cunha, Frederico Augusto Luiz Thieme».

Do livro citado, muito dilacerado, constam, também, os originaes do primeiro Código de Posturas do governo republicano de Itajaí, sancionado pelo então Superintendente Samuel Heusi. Por ter o mesmo Código sido impresso em publicações officiais e mesmo por estar em boa parte inutilizado no original, não nos é possível trazê-lo para as páginas de «Blumenau em Cadernos». Agradecemos a Arnou Teixeira de Melo o serviço que nos prestou. Guardar, ciumentamente, documentos antigos, de nada serve. Pelo contrário: é um êrro. Êles devem ser divulgados para conhecimento dos estudiosos do nosso passado, servindo de base aos seus trabalhos históricos.

motim, os mencionados colonos, de maus antecedentes, procuraram, durante vários dias, aliciar colonos em suas próprias casas, dizendo que iriam exigir da administração maior salário e outras vantagens, e, se preciso, empregariam armas de fogo. Sabedor do que ocorria, por intermédio de amigos, Schnéeburg agiu rapidamente prendendo os instigadores. Registra o Barão, com destaque, que os colonos holsassos se apresentaram para "conservação da tranquilidade e da dignidade da diretoria", resultando com essa demonstração de lealdade o fracasso do motim.

Dados estatísticos: População da Colônia: 833 habitantes, residindo em 182 casas e ranchos e 190 fogos. Registra o diretor: 1 escravo. Número de católicos: 552 os quais construíram às suas expensas 4 capelas, bentas pelo Padre Gattone. Os colonos construíram em Batêas uma pequena casa para prática de seu Culto. Pede a presença do Pastor de Blumenau para dar-lhes assistência espiritual.

— 1863 —

- 13 de Março - No lugar Águas Claras, numa Surtida de bugres (Schnéeburg julgou serem Botocudos) foram mortos, a flechadas, os colonos alemães João Dittmer e Pedro Gorke e o brasileiro Manuel Paranaguá. Todos foram sepultados no cemitério da vila do S.S. do Itajahy.
- 17 de abril - Fundada pelo Pastor Oswald Hesse, de Blumenau, a Comunidade Evangélica de Brusque. Na oportunidade realizou-se o primeiro «Gottesdienst» no rancho dos imigrantes.
- 2 de agosto - O barão Schnéeburg e a professora Augusta von Knoring servem de padrinhos a Maximiliano A. Oscar, filho de Ernst Ludwig Oscar Eugen Rieger e de sua mulher Joanna. Batizado realizado na Casa de Orações da Comunidade Evangélica.
- 1 de setembro - Pelo navio Hamburguês «Urania» chegam ao porto de Itajahy 5 famílias de imigrantes num total de 23 pessoas. Dois dias depois chegavam a Brusque cujo transporte custou 92\$145 pagos à firma Salentien e Haendchen.
- OUTUBRO - Chegam à colônia os primeiros colonos de origem portuguesa em número de 10, correspondendo a duas famílias. A colônia recebe a visita do presidente da Província Pedro Leitão de Cunha; na ocasião, entre outras providências, escolheu com o diretor o local para a construção da Igreja Matriz Católica.

Do Relatório do diretor: 955 habitantes

59 nascimentos e 13 óbitos.

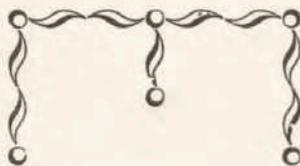
(Continua no próximo número)

— 20 —

CREMER S.A.

Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguaçú, 291/362 - Santa Catarina
Caixa Postal, 953 - Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Mediciniais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para bêbes

Faixas Higiênicas para senhoras

Artigos de Primeira Qualidade.

Electro Aço Altona S/A.

Rua Eng^o. Paul Werner, 925 — Fones: 22 - 0422 e 22-0738

Caixa Postal, 30 — Telegrs.: "EL AÇO"

BLUMENAU

Fundição Elétrica De Aços Comuns E Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem

de Terraplenagem

Reposição e de Manutenção

Batalhões Rodo-Ferrovários

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE